

**Escala de Autoconceito para Crianças em Idade Pré-Escolar e  
1º/2º Ano de Escolaridade de Harter e Pike (1981, 1984)**

Lourdes Mata, Vera Monteiro & Francisco Peixoto

(Instituto Superior de Psicologia Aplicada, & Unidade de Investigação de  
Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação, Portugal) (1)

O autoconceito é um construto hipotético, que é muitas vezes considerado como variável mediadora, facilitadora da consecução de outros produtos como sejam um bom rendimento académico, um bom desempenho desportivo, uma boa adaptação profissional, etc. A título de exemplo, Marsh (1993; Marsh & Yeung, 1997) refere que, em contexto educativo, um autoconceito académico positivo está relacionado com um bom rendimento escolar, com impacto nas opções vocacionais, aspirações educacionais e comportamentos exibidos, pelos alunos, na escola.

Como construto hipotético, importa que a sua caracterização e utilidade seja avaliada através de investigações que incidam sobre a validade de construto (Marsh, 1993, 1997). Apesar da importância do estudo acerca das propriedades estruturais do autoconceito, este tipo de investigações são relativamente recentes. Com efeito, até à década de 80 a maioria da investigação realizada baseava-se em concepções globais do autoconceito, com a maior parte das revisões de literatura referindo quer a falta de modelos teóricos que sustentassem os instrumentos de recolha de dados utilizados quer a falta de estudos que se preocupassem com a estrutura do autoconceito (Burns, 1979; Marsh, 1989, 1993; Oosterwegel & Oppenheimer, 1993; Shavelson, Hubner & Stanton, 1976; Wylie, 1979, 1989).

Uma maior ênfase nas características estruturais do autoconceito é dada a partir do artigo publicado por Shavelson, Hubner e Stanton (1976). Estes autores, a partir da revisão de literatura sobre o autoconceito e da análise dos instrumentos de avaliação existentes, propõem um modelo que atribui ao autoconceito um conjunto de propriedades entre as quais a ideia da multidimensionalidade do autoconceito e da sua progressiva diferenciação e complexificação com a idade. A multidimensionalidade do autoconceito foi posteriormente evidenciada por diversos estudos, recorrendo quer a análises factoriais (Harter, 1982, 1985, 1988; Marsh & O'Neill, 1984; Song & Hattie, 1984), quer a análises multi-traço multi-método (Marsh & Gouvenet, 1989; Marsh, Parker & Smith, 1983; Shavelson & Bolus, 1982).

Consonante com estes princípios Harter (1985, 1988, Harter & Pike, 1984) procurou desenvolver alguns instrumentos que ajudassem na caracterização do autoconceito e da auto-estima em diferentes faixas etárias. Nesse sentido, entre outros instrumentos criou o SPPC – *Self-Perception Profile for Children* (Harter, 1985), já com uma adaptação para a população

portuguesa (Alves Martins, Peixoto, Mata e Monteiro (1995), o SSPA – *Self-Perception Profile for Adolescents* (Harter, 1988), também já com uma versão adaptada à população portuguesa (Peixoto, Alves Martins, Mata e Monteiro (1996, 1997), e uma escala para crianças mais novas, em idade pré-escolar e início da escolaridade, *The Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children* (Harter & Pike, 1984) sobre a qual temos vindo a trabalhar nos últimos anos e cujo resultado da respectiva adaptação iremos apresentar.

*The Pictorial Scale of Perceived Competence and Social Acceptance for Young Children* (Harter & Pike, 1984) por se destinar a crianças dos 4 aos 7 anos, assume algumas particularidades tanto quanto ao seu formato, como quanto á sua estrutura. Em vez do formato de um questionário escrito, tem uma versão pictórica de modo a captar a atenção e a facilitar o envolvimento e também a compreensão das crianças quanto ao conteúdo dos itens. Por considerar que evidências científicas demonstram que as crianças destas faixas etárias, não são ainda capazes de fazerem julgamentos sobre o seu valor enquanto pessoas, não é contemplada, neste instrumento, a avaliação da auto-estima, ao contrário do que é feito nos outros instrumentos referidos anteriormente, e que se destinam a crianças mais velhas (Harter & Pike, 1984, Harter, 1999). Assim, o conteúdo específico desta escala contempla dois constructos gerais, competência percebida e a aceitação social percebida. Cada um destes constructos contempla duas sub-escalas.

## **Método**

### *Participantes*

Participaram no estudo 235 crianças com idades compreendidas entre os 4 anos e 10 meses e os 7 anos e 8 meses. Todas elas frequentavam instituições educativas, sendo que 119 frequentavam a educação pré-escolar, vinte e uma o primeiro ano de escolaridade e noventa e cinco o segundo ano.

### *Instrumento*

A recolha de dados foi realizada com uma versão da Escala Pictórica da Percepção de Competência e Aceitação Social para Crianças composta por 35 itens, os quais se distribuíam por quatro sub-escalas diferentes: Competência Cognitiva, Competência Física, Aceitação entre Pares e Aceitação Materna. A primeira dimensão (Competência Cognitiva) pretende avaliar a auto-percepção de competência em tarefas relacionadas com a escola e o raciocínio (Ex. fazer um puzzle ou identificar letras). Esta dimensão, na versão da escala utilizada, era composta por 8 itens. A dimensão Competência Física, composta por 9 itens, pretende avaliar a auto-percepção de competência em actividades físicas e jogos ao ar livre. (Ex. saltar à corda, correr).

A dimensão Aceitação entre Pares, pretende avaliar o grau em que a criança se sente aceite pelos colegas sendo composta por 8 itens que se referem por exemplo, ao facto de ter amigos para brincar ou de lhe emprestarem brinquedos. Por último, a dimensão Aceitação Materna pretende avaliar a auto-percepção da qualidade do relacionamento com a figura materna. Esta dimensão foi constituída por 10 itens (por ex. contar histórias, dar mimos).

Existem quatro versões diferentes da escala variando consoante a faixa etária a que se destina e o sexo do respondente. Assim, existem versões diferentes para as crianças em idade pré-escolar e para as crianças a frequentarem o 1º e o 2º ano de escolaridade, variando, dentro de cada faixa etária, em função do sexo da criança. Cada item é apresentado às crianças sob a forma de uma imagem, havendo um conjunto de imagens para cada uma das versões, assim como imagens diferentes quer se trate de rapazes ou raparigas. As actividades representadas em cada item são idênticas para rapazes e raparigas, contudo o sexo da crianças "alvo" é que é diferente, de modo a que este seja o mesmo da criança questionada. Em cada imagem surgem duas situações, uma que representa uma criança mais competente ou aceite e outra menos competente ou menos aceite. Para cada imagem é lida uma afirmação referente a cada uma das crianças representadas e sobre as quais a criança irá escolher com qual se identifica mais e o grau de identificação.

Entre os 35 itens, cerca de metade representam a criança mais competente ou aceite à esquerda (sendo descrita primeiro), e metade representam a criança mais competente ou aceite à direita. Os itens são apresentados pela seguinte ordem: Competência Cognitiva, Aceitação entre Pares, Competência Física e Aceitação Materna, repetindo-se este padrão ao longo da escala.

### *Procedimento*

Participaram no estudo as crianças para quais foi concedida autorização, por parte dos encarregados de educação. Os dados foram recolhidos em sessões individuais, numa sala isolada e diferente da habitualmente frequentada pelas crianças na instituição. A recolha de dados ocorreu entre os meses de Janeiro e Março.

Os dados foram analisados do ponto de vista das propriedades psicométricas nomeadamente no que concerne à validade interna (através do recurso a análises factoriais exploratórias) e à fidelidade (através da análise da consistência interna, utilizando para o efeito o alfa de Cronbach). Para o efeito utilizou-se o *software* estatístico S.P.S.S., versão 16.0.

## **Resultados**

Dos 35 itens da escala, foram submetidos a uma análise factorial exploratória, vinte e quatro. Esta opção deveu-se ao facto de este conjunto de itens se ter revelado, em análises prévias, o mais adequado à mensuração dos constructos em causa.

Os vinte e quatro itens foram submetidos a uma análise factorial com extracção pelas componentes principais seguida de uma rotação oblíqua. A opção pela rotação oblíqua deve-se ao facto de, teoricamente, ser sustentável a ideia de uma associação entre as diferentes dimensões do autoconceito e de investigações prévias com este instrumento ter evidenciado uma relativa indissociação entre os domínios do autoconceito avaliados pela escala (Harter & Pike, 1984; Leal, 1996).

Os quatro factores extraídos permitiam explicar 47.3% da variância encontrada. O primeiro factor era definido, maioritariamente, por itens da dimensão Aceitação de Pares e era responsável por 25.9% da variância encontrada. Neste factor surgiam ainda dois itens da dimensão Competência Física, cujo conteúdo era discrepante com os restantes itens agrupados neste factor. O segundo factor agrupava todos os itens da dimensão Competência Cognitiva submetidos à análise e explicava 8.9% da variância. O terceiro factor era responsável por 6.9 % da variância e agrupava os itens da Aceitação Materna. No quarto factor agrupavam-se os restantes itens da dimensão Competência Física, os quais eram responsáveis por 5.6% da variância.

Em virtude de no primeiro factor surgirem dois itens da dimensão Competência Física associados aos da Aceitação de Pares, realizámos uma nova análise factorial excluindo estes dois itens. Os resultados desta análise podem ser observados na tabela 1.

A análise da tabela 1 permite constatar que a solução obtida, agrupa em cada factor itens de apenas uma dimensão. Assim, o primeiro factor engloba os itens da Aceitação Materna, o segundo factor os itens da dimensão Competência Cognitiva, o terceiro agrupa os itens da Competência Física e, por último, o quarto factor é constituído pelos itens da Aceitação de Pares. Estes quatro factores permitem a explicação de 48.9% da variância.

**Tabela 1 – Resultados da análise factorial sobre 22 dos itens da escala (apresentam-se apenas os valores de saturação superiores a .35)**

	Factor 1	Factor 2	Factor 3	Factor 4	
AM4 – Mãe não deixa ir jantar a casa de amigos	.848				
AM20 – Mãe deixa-o ir dormir a casa de amigos	.805				
AM34 – Mãe joga muitas vezes com ele(a)	.734				
AM16 – Mãe conta-lhe poucas histórias	.615				
AM33 – Mãe sorri poucas vezes para ele	.479				
AM27 – Mãe dá-lhe muitos mimos	.375				
CC17 – Solettar letras		.793			
CC5 – Sabe muitas coisas da escola		.754			
CC35 – Não conhece muitos números		.684			
CC21 – Bom a somar números		.596			
CC13 – Bom a escrever palavras		.542			
CC9 – Não é muito bom a ler sozinho		.475			
CF3 – Não é muito bom a andar de baloiço sozinho			-.581		
CF15 – É muito bom a saltar ao “pé-coxinho”			-.544		
CF23 – É muito bom a saltar à corda	.357		-.516		
CF19 – Corre muito depressa			-.484		
AP14 - Tem poucos amigos				.797	
AP18 – Convidado para brincar				.631	
AP22 – Poucos meninos se querem sentar ao pé				.618	
AP10 – Tem muitos amigos para jogar				.522	
AP29 – Convidado para jogar na casa de amigos				.409	
AP6 – Poucos emprestam brinquedos				.350	
	Valor-Próprio	5.8	2.1	1.6	1.3
	% de variância explicada	26.3%	9.4%	7.4%	5.8%

Nota: Os itens incluídos como exemplo referem-se à versão da escala para o 1º e 2º ano de escolaridade

Seguidamente analisámos a fidelidade de cada um dos factores, recorrendo, para esse efeito à análise da consistência interna dos agrupamentos de itens, utilizando o Alfa de Cronbach. Esta análise permitiu constatar (Tabela 2) que três das dimensões apresentavam valores aceitáveis para a consistência interna (Aceitação Materna, Competência Cognitiva e Aceitação de Pares), enquanto a Competência Física indicava uma menor congruência entre os itens que a compunham. Por esse motivo, optámos por adicionar a esta dimensão os dois itens entretanto excluídos da análise factorial (CF7 e CF30) o que permitiu aumentar ligeiramente o valor para a consistência interna (de .60 para .65).

A análise da consistência interna por ano de escolaridade (Tabela 2) permite constatar que a escala apresenta valores de consistência interna bastante aceitáveis para os alunos dos 1º e 2º anos de escolaridade, com excepção da dimensão Competência Física nos alunos do 2º ano. Nos alunos em idade pré-escolar a escala apresenta-se com menor consistência, exceptuando-se a dimensão Competência Cognitiva, a qual revela valores que se podem considerar razoáveis (Nunnally, 1978).

**Tabela 2 – Valores de consistência interna para cada uma das dimensões da escala, para a totalidade dos participantes e por ano de escolaridade**

	Total	Pré-Escolar	1º Ano	2º Ano
Aceitação Materna	.81	.61	.81	.77
Competência Cognitiva	.76	.73	.88	.78
Competência Física	.60 (.65)	.63	.71	.60
Aceitação de Pares	.70	.53	.74	.81

Na tabela 5 é possível observar as médias e o desvio-padrão para cada uma das dimensões, considerando a totalidade dos participantes. A análise desta tabela permite constatar que os valores apresentados são relativamente elevados (considerando que a escala utilizada é uma escala de 4 pontos). O valor mais baixo surge na dimensão Aceitação Materna, sendo também aquela que apresenta uma dispersão maior nos resultados.

**Tabela 3 – Estatísticas descritivas para a totalidade da amostra**

	<i>M</i>	<i>DP</i>
Aceitação Materna	3.16	.72
Competência Cognitiva	3.33	.59
Competência Física	3.34	.54
Aceitação de Pares	3.35	.56

### **Considerações Finais**

A escala de autoconceito para crianças em idade pré-escolar e 1º/2º ano de escolaridade de Harter e Pike (1984) revelou propriedades psicométricas que se podem considerar aceitáveis. No que respeita à validade interna, a análise factorial exploratória permitiu revelar uma estrutura de 4 factores correspondentes às dimensões supostas para a escala. Neste aspecto podemos considerar que a escala apresentou um comportamento melhor do que a original (Harter & Pike, 1984) ou das versões utilizadas nos primeiros estudos de adaptação realizados (Leal, 1996), nos quais as análises realizadas apenas permitiram discernir dois factores gerais, um agrupando as competências (Física e Cognitiva) e o outro as dimensões de aceitação (Materna e de Pares).

No que se refere à fidelidade analisada do ponto de vista da consistência interna, os resultados obtidos neste estudo são semelhantes aos obtidos quer por Harter e Pike (1984), quer nos primeiros estudos de adaptação para a população portuguesa (Leal, 1996). Tal como nesses estudos a dimensão Competência Física surge como aquela que apresenta menor consistência interna. Este resultado pode indiciar que esta faceta do autoconceito se encontre menos estruturada nestas faixas etárias mas, também, que os itens utilizados para a avaliar podem não

ser os mais adequados. Futuras investigações com esta escala e/ou outras que contemplem esta dimensão do autoconceito poderão ajudar a esclarecer esta questão.

(1) Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do programa POCI 2010

## Referências

- Alves-Martins, M., Peixoto, F., Mata, L., & Monteiro, V. (1995). Escala de Auto-Conceito para Crianças e Pré-Adolescentes de Susan Harter. In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.) *Provas Psicológicas em Portugal*, (pp. 79-89). Braga: APPORT.
- Harter, S. (1982). The perceived competence scale for children. *Child Development*, *53*, 87-97.
- Harter, S. (1985). *Manual for the self-perception profile for children*. Denver: University of Denver.
- Harter, S. (1988). *Manual for the self-perception profile for adolescents*. Denver: University of Denver.
- Harter, S., & Pike, R. (1981). *Manual for the pictorial scale of perceived competence and social acceptance for young children*. Denver: University of Denver.
- Harter, S., & Pike, R. (1984). The pictorial scale of perceived competence and social acceptance for young children. *Child Development*, *55*, 1969-1982.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: The Guilford Press.
- Leal, S. (1996). *O auto-conceito de crianças em idade escolar e pré-escolar*. Monografia de fim de curso não publicada. ISPA, Lisboa.
- Marsh, H. (1993). Academic self-concept: Theory, measurement and research. In J. Suls (Ed.), *Psychological perspectives on the self: The self in social perspective* (Vol. 4, pp. 59-98). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Marsh, H. W. (1997). The measurement of physical self-concept: A construct validation approach. In K. R. Fox (Ed.), *The physical self: From motivation to well-being* (pp.27-58). Leeds: Human Kinetics.
- Marsh, H. W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: preadolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, *81*, 417-430.
- Marsh, H. W., & Gouvenet, P. J. (1989). Multidimensional self-concepts and perceptions of control: Construct validation of responses by children. *Journal of Educational Psychology*, *81*, 57-69.
- Marsh, H. W., & O'Neill, R. (1984). Self Description Questionnaire III: The construct validity of multidimensional self-concept ratings by late adolescents. *Journal of Educational Measurement*, *21*, 153-174.
- Marsh, H. W., Parker, J. W., & Smith, I. D. (1983). Preadolescent self-concept: Its relation to self-concept as inferred by teachers and to academic ability. *British Journal of Educational Psychology*, *53*, 60-78.
- Marsh, H. W., & Yeung, A. S. (1997). Coursework selection: Relations to academic self-concept and achievement. *American Educational Research Journal*, *34*, 691-720.
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Oosterwegel, A., & Oppenheimer, L. (1993). *Developmental changes between and within self-concepts*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Peixoto, F., Alves-Martins, M., Mata, L., & Monteiro, V. (1996). Adaptação da escala de auto-conceito para adolescentes de Susan Harter para a população portuguesa. In L. S. Almeida,



- S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado, M. R. Simões (Eds.) *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos* (Vol. IV, pp. 531-537). Braga: APPORT.
- Peixoto, F., Alves-Martins, M., Mata, L., & Monteiro, V. (1997). Escala de auto-conceito para adolescentes de Susan Harter. In *Actas da V Conferência Internacional: Avaliação Psicológica - Formas e Contextos*, Braga: APPORT.
- Shavelson, R. J., & Bolus, R. (1982). Self-concept: the interplay of theory and methods. *Journal of Educational Psychology*, 74, 3-17.
- Shavelson, R. J., Hubner, J. J., & Stanton, G. C. (1976). Self-concept: Validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, 46, 407-441.
- Song, I. S., & Hattie, J. (1984). Home environment, self-concept and academic achievement: A causal modeling approach. *Journal of Educational Psychology*, 76, 1269-1281.
- Wylie, R. C. (1979). *The self-concept (vol. 2): Theory and research on selected topics*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Wylie, R. C. (1989). *Measures of self-concept*. Lincoln: University of Nebraska Press.